Ano 15.º — Sabado, 4 de Novembro de 1922 — N.º 750

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões—AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Hora vitoriosa

Reentro em Lisboa sob um arco de triunfo—um arco que chega até ao céu roçando as estrelas em deslumbramento! Ergue-o a alma nacional a gritos de apoteose, a fim de saudar num arroubo épico as suas duas figuras que chegam—que chegam, decerto, numa divina legenda, dos velhos paços da Raça: Gago Coutinho e Cabral!

Em toda a parte se sente ainda o borbulhar da magnifica alegria que encheu a taça dos corações lisboetas, do coração de Portugal—para chegar aos labios dos Herois. Parece que Lisboa abriu as veias donde irrompeu não o sangue miseravel das alfurjas politicas, mas um sangue novo—um sangue que corresse da Custodia de Belem, do tumulo do Infante ou das pedras religiosas da Batalha. Sangue nobre e impetuoso, e honrado, sangue que salva todas as quedas e redime todos os oprobrios, sangue que canta e ri e se enflora como um cacho de roseira para subir até ao coração dos dois Maiores.

As manifestações vibrantissimas, o entusiasmo quente e transbordante com que o povo desceu ao Caes das Colunas a receber os Herois, dão-nos uma prova clara de que Portugal tem ainda uma *alma*—uma alma que não está inscrita no *bas-fond* das associações revolucionarias, nem vai ao registo civil pedir certidão de idade... mas sim uma *alma* que está para além das ambições mesquinhas e que é capaz ainda de saber amar e admirar. E' a mesma alma que foi nas azas sangrentas e cristãs do *Fatrey 17*; é a mesma alma que reza nos nichos sagrados dos Jeronimos, é a mesma alma que andou pela Africa e pela Flandres—é a alma do Povo! Porque foi o Povo—só ele—que no Caes das Colunas disse com fé: *Eu vos saúdo!*

* * *

Um dia a minha penna, neste mesmo logar, orou devotadamente para que a empreza gloriosa que os dois aviadores tentavam, fosse coroada de milagre. Deus iria com eles, a nossa ansiedade haveria de salvá-los. E a minha oração floria de promessas felizes...

Hoje, orgulhoso de mim proprio, limito-me a assinalar o triunfo.

Gago Coutinho e Cabral voltam da Descoberta. Atraz deles fica uma esteira luminosa sulcando o céu como outrora ficava sulcando o mar, atraz das caravelas. Fica ainda a terra doirada do Brazil, o beijo das suas mulheres, o beijo da glória—toda uma epopeia de risos e flôres, de anedotas e momentos felizes, de abraços e discursos... Mas sobretudo fica atraz deles, mais limpido e mais belo, cantante, apoteótico, imenso, o nome resplandecente de Portugal!

Eles são a cadeia de luz que liga duas épocas: a dum passado—que foi grande—á do presente que é de desgraça. E o milagre que brota do seu acto é belo e sublime como nenhum outro: da argila maculada do dia de hoje eles ergueram estatuas de bronze—estatuas de Eternidade. São os *Luziadas* que de novo abrem as suas paginas onde o mundo se debruça a lêr, a decorar, maravilhado de Beleza!

Eu falo á minha geração para que a minha geração dilate a sua fé no exemplo épico destes ultimos lusiadas. Ha ainda que confiar nos destinos da Raça. De novo a mocidade historica acorda entre nós—uma mocidade que se pressente a palpitar ardentemente nos canticos desta Hora sebastianista—desta Hora Vitoriosa—e para que nós deveremos erguer o orgulho são, e fervoroso, e patriotico de nossos intranquilos, atormentados corações!

Lisboa—Outubro de 1922.

Antonio de Cértima.

Films...

A CONHECIDA revista *A B C* publicou ultimamente nova entrevista com Teofilo Braga ácerca da politica portuguêsa na qual o sabio professor e ex-presidente da Republica declara não ter tido esta, até hoje, ministros, na verdadeira acepção do termo.

Tambem nos queria parecer que entre ministros e regedores alguma diferença havia de existir...

MORREU o *Faustino*, aquele famoso chimpanzé, consorte da *Catarina* e um dos 50 valiosos exemplares com que, em 1909, fôra enriquecido o Jardim Zoologico de Lisboa.

Durante treze anos fez o velho Hagenbeck, de Hamburgo, as delicias de dezenas de milhares de visitantes do Parque das Larangeiras, que por ele tinham especial predileção.

O *Faustino* estava avaliado em 500 libras, circunstancia essa que nos leva ao convencimento de que a sua perda é mais para lamentar que a do seu homonimo ali das Carmelitas...

Daniel Côrte Real

Por carta recebida de Shanghai soubemos ter adoecido em setembro o nosso muito presado amigo, sr. Daniel M. Freire Côrte Real, empregado superior do *Hongkong & Shanghai Bank*, estabelecimento bancario dos mais importantes daquela cidade chinêsa.

Sinceramente estimámos que, já de todo restabelecido, tenha voltado á gerencia da sua repartição, pois se trata dum dos melhores amigos de *O Democrata* no estrangeiro onde habita ha bastantes anos.

Imprensa

«O Seculo»

Acaba de ser vendido por uns poucos de milhares de escudos este importante diario de Lisboa, cuja nova empresa escolheu para director o sr. Cunha Leal.

Como jornal de interesses, *O Seculo* jámais teve competidor, atendendo a que Silva Graça, para isso, não era de todo desprovido de geito. Mas, já se sabe, tudo por amor ao povo, por patriotismo...

Dia de finados

Não obstante a chuva que incessantemente caíu na quinta-feira, os dois cemiterios da cidade regorgitaram de fieis, que, em piedosa romagem, foram estar algum tempo junto das sepulturas dos entes queridos.

Quasi todas se achavam ornamentadas assim como as capelas onde ardia grande profusão de lumes.

"O Democrata" NO TRIBUNAL

Resposta do nosso advogado ao libélo acusatorio do M. P.

Contestando, diz Arnaldo Ribeiro, director de *O Democrata*, no processo que, por pretenso abuso de liberdade de imprensa, lhe move o Ministerio Publico:

1.º

Este processo é tão descabido e repugnante que só a muita consideração pelo digno magistrado representante do M. P., que o Arguido considera acima e fóra desta contenda e a quem protesta todo o seu respeito, e ainda o respeito devido ao Tribunal que o hade julgar e á Lei, fazem com que apresente uma contestação em forma e não apenas uma negação sêca e simples com todo o desprêso que lhe merecem as pessoas dos denunciantes, os que assim o tentam perseguir e a perseguição de que é vitima.

2.º

Este processo é um processo politico, exclusivamente politico, acintosamente politico e assim será discutido afinal. Mas

3.º

Melhor será chamar-lhe já um processo politiqueiro porque parece nascido de todos os baixos sentimentos que fazem o estofo moral das creaturas que se dizem politicas para explorarem a ingenuidade de uns e cobrirem a rapinancia de outros e melhor se amezendarem no saque a que tem sido posta a nação, no dizer do atual chefe do governo.

4.º

Este processo é o produto duma indecorosa denuncia com que se pretendeu vexar e liquidar o jornal *O Democrata* que ha quinze anos aqui defende a Republica, tendo sido fundado em tempos em que ser republicano não era função de engraxadores de botas ministeriaes nem a Republica era apanagio das hordas devoristas que da monarquia para ela se passaram com armas e bagagens, afiados maxilares, e aquela falta de nobrêsa que distingue todos os que vivem da vaza das revoluções e da babugem dos regimens politicos.

5.º

Este processo não é o processo do Arguido: é o processo dos que lhe deram nascença; é o processo pelo qual dois ou tres *parvenus* pretendem vingar-se das frases justas com que, por vezes, no *Democrata* se causticam as vaidades ou as imoralidades de personagens que da categoría de regedores de aldeia teem sido elevados a donos desta desgraçada Republica.

6.º

Esteve processo teve nascença num arremedo de congresso democratico que um senhor Barata, joven professor do liceu, de passagem por esta terra—aí fez para desanojo do sr. Barbosa de Magalhães a quem a opinião publica nas eleições de 1921 aplicára um formidavel e inesquecivel correctivo.

7.º

Bem melhor seria, porêm, que o congresso do sr. Barata e a sensibilidade do sr. Barbosa de Magalhães tivessem produzido alguma coisa de util para Aveiro, porque os politicos valorisam-se por obras e não por actos odiosos como este que visa a ferir um homem que, orgulhando-se de ser aveirense e republicano, nunca atraiçoou os interesses da sua terra nem coisa alguma comeu á Republica.

8.º

O Director de *O Democrata* póde ter e tem defeitos—e quem os não tem no mundo?—mas é um republicano antigo e indefectivel e com autoridade para castigar os erros e vicios dos dirigentes republicanos como castigou os mesmos erros e vicios dos dirigentes da monarquia.

9.º

O Director de *O Democrata* é um dos mais antigos republicanos de Aveiro e já lutava pela Republica quando alguns ministros que aí estiveram no congresso vogavam comodamente na monarquia e o joven e jovial sr. Barata nem simples botão era ainda no roseiral das falanges republicanas.

10.º

Mas a local incriminada não diz nada do que o sr. Barbosa de Magalhães teem dito e continuam dizendo os jornaes da capital e muitos da provincia, e mal irá ao tão discutido detentor da pasta dos estrangeiros se na audiencia do julgamento se cotejarem os ataques que a imprensa lhe tem feito pela sua desastrada acção politica e administrativa com as bem ingenuas referencias de *O Democrata.*

11.º

O criterio da justiça tem de ser uniforme e não variavel, nem pode ser desegual e caprichoso dentro do mesmo paiz e no mesmo ambito legal. Aquilo que é injurioso e ofensivo em Aveiro não póde deixar de o ser em Lisboa e noutros jornaes que não o jornal incriminado.

12.º

Seria iniquo e absurdo, intoleravel e revoltante, improprio da Justiça (com J grande) e ofensivo da consciencia publica, que se condenasse o R. por desagradar ao sr. Barbosa de Magalhães e se não encomodassem os jornaes e os jornalistas poderosos que muito peor teem dito do detentor da pasta dos estrangeiros.

13.º

A epiderme da sensitiva não escolhe os dedos que a tocam, mas a epiderme politica da sensitiva ministerial parece que só sente a penna do R.

14.º

De resto nada ha na local incriminada de injurioso e ofensivo para as pessoas dos ministros. Mas sobre a responsabilidade dos esbanjamentos dos dinheiros publicos ha muito que dizer e na audiencia do julgamento se dirá.

15.º

Se a administração dos dinheiros da Nação tem sido desgraçada, a responsabilidade pertence

aos homens que teem governado o país e não ao Arguido que não póde responder pelos ministros e *grandes estadistas* que consentiram o descalabro dos Transportes Maritimos e dos Bairros Sociaes, as vergonhas do vapor *Porto*—verdadeiro crime de lesa-Patria—e que pretenderam encobrir e deixar impunes os roubos do Museu de Aveiro.

16.º

O Arguido responderá á acusação verdadeiramente infantil no campo jornalistico, com as palavras e pela bôca e pela penna dos politicos e dos jornalistas que por não serem de Aveiro ou que por serem poderosos e temidos, gosam do direito de livre critica e da liberdade de opinião que nesta terra—patria de José Estevam e berço da Liberdade—se pretende coartar ao Director de *O Democrata*.

17.º

Mas se á data do julgamento tiverem sido processados, julgados e condenados todos os jornaes e jornalistas que, com frases mais contundentes, tem zurzido o autor da celeberrima *Mensagem ao Brazil* e protector do director do Museu de Aveiro e autor dos escandalos do ministerio dos estrangeiros que a imprensa tem referido, será admissivel a hipotese da condenação de *O Democrata*, se bem que, mesmo assim, essa hipotese só representasse uma perversão da consciencia democratica e uma falsificação do espirito de justiça dum regimen republicano.

18.º

Na audiencia do julgamento se desenvolverão estes e outros pontos e se farão as necessarias verificações e demonstrações, como o exige o são criterio da justiça.

19.º

Mas por isto tudo se conclue desde já que o Arguido não cometeu o crime que lhe é imputado, mas praticou uma virtude civica porque cumpriu um dever de cidadão e de republicano e exerceu um direito que ninguem lhe póde coartar nem contestar.

20.º

O Arguido deve ser absolvido e será absolvido porque o juri que o vai julgar não é composto de *Refugos* da sociedade e da Republica, mas de cidadãos livres, conscientes e honrados.

Segue o rol das testemunhas.

Aveiro, 27 de Outubro de 1922.

Por Oliveira de Azemeis

DE LANTERNA EM FOCO

VII

O sr. Horacio de Jesus Ribeiro, o "menino Jesus", no altar do sr. dr. Juiz

(Continuação)

Na realidade, todavia bem triste, foram republicanos que trabalharam para a melhoria de situação do *menino Jesus*, quer mexendo-se nos altos poderes, preparando-lhe o despacho, quer ocultando aos seus correligionarios, que forçados foram a ausentar-se durante a Traulitania, os serviços á causa monarquica e os pedidos feitos por esse arrangista.

Pode ser que agora, estando liberaes e monarquicos em confraternisação eleitoral, droga para incutir coragem e dissimular fraquezas, venham alguns desmentir o que afirmaram nesses tempos de mágua, dizendo que o *menino* não mendigou dos chefes monarqnicos locaes a sua protecção, mas esse desmentido nenhum valor sério tem, porque nesta vila ainda ha homens honrados que, atravez de tuto, não conspurcarão a sua dignidade, negando o que então ouviram e disseram.

Na memoria de muitos ainda está vivo o que o *menino Jesus*, fez quando estava convencido de que a Republica tinha baqueado. Seja, porêm, como fôr, a verdade foi esta e confirmada por factos posteriores quando se falava em nova revolução monarquica e os monarquicos garantiam que d'esta vez a victoria era certa.

Nesta ocasião o *menino Jesus* principiou a namoriscar o chefe da monarquia de Cidacos, convidando-o, sem para isso estar auctorisado, a assistir a uma reunião. Ainda a restauração estava acantonada no boato e já sentia instaveis os seus interesses. E foi deitando a fatexa como medida preventiva para ter melhor acolhimento do que da primeira vez.

Convicções, compromissos e honradez são ninharias; è pelo interesse individual que o homem se deve sacrificar. E' assim que pensa o sr. Horacio Ribeiro, bem conhecido pelo seu chefe politico, que, segundo se diz, um dia afirmára que nada queria *com esse garoto*. A imutabilidade de sentimento do *menino Jesus* è indiscutivel, a não ser que se admita a dualidade de caracter. E' sempre o mesmo arrangista, não lhe repugnando os meios e abusando das situações com que o presentearam os seus protectores. Se os processos em que tem intervindo falassem em publico, alguns garantiam esta asserção, não com triunfos brilhantissimos de oratoria, verbal ou escrita, mas com argumentos insofismaveis e indestrutiveis.

* * *

Pouco tempo depois da Traulitania, o escrivão do 2.º oficio, Joaquim Gandra, morreu, muito tendo contribuido para esse desenlace a prisão de seu filho Mario, fiel soldado da Republica. O *menino Jesus*, que, como escrivão substituto, tinha de dar metade dos proventos do cartorio ao substituido, pensou imediatamente na sua transferencia para o logar vago. Agarrou-se aos seus protectores, choramingou o que pôde e o melhor que pôde para se anichar no 2.º oficio que tinha, e ainda tem, o privativo do registo criminal, fonte enexgotavel de certidões.

Conseguiu essa manifesta melhoria de situação, aonde se amesenda como recompensa dos serviços prestados á causa realista. Com tal conducta, á clarividencia deve estar provado o estofo d'este menino e os seus protectores devem ser olhados não como indefectiveis republicanos, mas como *leilpeiros das revoluções*.

E' esta a expressão da verdade que, com um sorriso de absoluta confiança, desafia a mais rendilhada sentença honrosa e todos aqueles *cuja respeitabilidade está fóra de toda a suspeita*, a ofuscar-lhe sequer o seu brilho. Mau caminho trilham os que aos seus hombros tomaram a interminavel e pesada tarefa de guindar até ao campo da honra os individuos a quem a justiça popular, escudada em factos consumados em série, condenou ao exilio perpetuo para o charco da deshonra.

Alem de ser um trabalho inutil e extenuante, arrastará para o mesmo exilio aqueles que, julgando-se intangiveis no seu logar, a pedido ou tresloucados invertem as suas funções taxativamente indicado nas leis do nosso paiz e nas leis dos paizes em que julgar é nobre e dificil missão social e em que os julgadores, pela sua insuspeita honorabilidade e reconhecida erudição, são escravos d'essas mesmas leis. O *menino Jesus* é e continuará a ser o mesmo traficante politico, o mesmo arrangista, o mesmo traidor. o mesmo sem vergonha.

* * *

Em toda a parte mostra o *menino* o seu intimo por mais que tente disfarçar as suas pustulas. Quando, como testemunha foi depor, em prova contraditoria, em defeza do sr. Dr. Pinho Rocha, sobre mim esguichou as diatribes que a sua almá melhor pôde cosinhar. Mentiu e perjurou de pernas abertas e sem que o remorso lhe tingisse de vergonha as faces. Ele e os seus companheiros, amigos intimos e defensores acerrimos dos Castros-Leões, transformaram-me de queixoso em arguido e sem que o meritissimo Juiz, o mesmo que presidiu á audiencia do dia 21 do corrente do primeiro dia do meu julgamento, os obrigasse a ter uma *linguagem simples, clara, precisa e concisa*, como é sua opinião manifestada, nem tão pouco a cumprir as desposições da lei. O insulto era para mim; a defesa para os outros. A lei só fala quando é necessario castigar ou tirar vingança impunemente; cala-se entre o pulso forte do executor quando a Justiça, serena e delicadamente, sem odio e sem amôres, estende o seu braço protector sobre o desprotegido apostolo da Verdade.

Nêsse depoimento o *menino* mentiu e perjurou quando *afirmou que lhe parecia estar eu a beber vinho por um côpo no camarote para me sobreexcitar na discussão d'essa assembleia geral da Cooperativa* e quando declarou que, *se o sr. Dr. Anibal Beleza tivesse atravessado a plateia quando, fugindo da mesa, saiu do palco, tinha sido maltratado.*

Toda a gente que um dia visitou o teatro d'esta vila sabe perfeitamente que não ha comunicação alguma entre o palco e a plateia, que não ha passagem para aquele atravez da ribalta. Nenhum visitante ignora que, para se passar para o palco, se é obrigado a ir pelos corredores lateraes que dão ingresso aos camarotes de 1.ª. O sr. Dr. Beleza saiu por onde entrou: pelo corredor do lado direito. E alguem perguntando a este advogado se tinha notado na assembleia qualquer desejo ou gesto de lhe bater, a resposta foi negativa, acrescentando—*saí por onde entrei.*

Mas se o sr. Dr. Beleza nada tivesse respondido ou tivesse respondido como o desejava o mentiroso, a contestação é facil de fazer e os factos são palpaveis até por uma creança.

A comunicação que existe no teatro d'esta vila, entre o palco e a plateia è a mesma que existe entre a rua e a sala d'uma casa. Para o sr. Dr. Anibal Beleza atravessar a plateia, ou tinha de colocar um escadote ou saltar. Em qualquer dos casos era um desafio que fazia a uma multidão que estava no legitimo goso dos seus direitos: defender a sua propriedade das garras dos que, abusando da ignorancia da maioria dos socios, se locupletavam com as regalias e haveres da Cooperativa, sociedade de que eram directores, fiscais e membros da mesa da Assembleia Geral.

E nesse caso não seria a assembleia excitada pela minha propositada sobreexcitação, como vilmente foi cognominada, mas pela imprudencia do sr. Dr. Beleza, presidente da assembleia. Qualquer pessoa debilmente ilustrada, que tenha uma rudimentar noção de respeito á dignidade propria, não era capaz de fazer semelhante raciocinio, quanto mais atrever-se á petulancia de tal afirmar sobre juramento d'honra. O *menino Jesus* e todos os camaradas encobridores dos roubos á Cooperativa não teem escrupulos quando o interesse pessoal está em perigo. Era necessario mentir tanto que desvirtuado ficasse o objectivo primordial. Porque não faze-lo, se d'aí advinha a aquisição de mais alguns amigos, que è como quem diz, de mais algumas probabilidades de auxilio em caso de necessidade? Mentir e perjurar já não causam deslustres; são, pelo contrario, os mais saborosos fructos da epoca. Quem sente relutancia pela mentira e perjurio é um parvo, que se esquece de que a vida é tanto mais atraente quanto mais gosada fôr e de que o respeito social está na razão directa das massas. E estas só se conseguem em abundancia com destreza de mãos e falencia total de caracter. *O dinheiro é a mola real do universo.* E é um homem d'esta craveira que o meretissimo Juiz tem no seu altar e a quem passou diploma de imaculado, tendo para isso, como ele proprio confessa, de rasgar a lei!

E afinal não atingiu o fim almejado; os factos continuam a atestar a mesma verdade e a opinião desinteressada a sorrir-se da louca pretenção. A sentença honrosa só malhe causam, porque no dia da sua consagração o *menino Jesus* atravessava, pela alta noute, as ruas da vila nos mais vacilanteo zigue-zangues, efeitos dos ultimos copos ds vinho do Dr. Assio.

Mas o douto magistrado, com Deus na boca, continúa a incensa-lo, a adora-lo. Se Proudhon o ouvira, lh'o diria.

E é no regimen republicano por que tenho luctado; e é n'uma epoca em que o paiz precisa de se defender para não cair no abismo; e é quando o poder judicial reclama a sua autonomia que um julgador, um juiz de carreira, homem rico, procede assim!

Não haverá lá por cima homens que lancem os seus olhares para esta desgraça, para esta miseria, a bem da nação? Nas estações oficiaes, e disso tenho a certeza, ha homens que presam a sua dignidade e que sentem latejar dentro do peito um coração patriota, mas que ainda não tem força suficiente para terminar com todos os atrevimentos que prejudicam o paiz, para fazer o indespensavel saneamento. Quando o poderem fazer, será esse dia o maior dia de festa para a nossa querida Patria.

Ao primeiro estralejar de foguetes o sr. Dr. Juiz mudará de opinião e o *menino Jesus* tombará do altar, esvurmando odios e rugindo vinganças.

Então nem Deus lhe valerá.

Lopes d'Oliveira.
(Medico)

Novo senhor?

Segundo ouvimos, parece coisa assente o inicio duma acção de molde a insuflar—permitam-nos o termo—neste distrito, com principio em Aveiro, a propaganda a favor e em beneficio do sr. José Domingues dos Santos, que por bem conhecido se não confronta.

Esse cavalheiro veiu aí assistir ao laborioso parto do governador civil e não é segredo para ninguem como os trabalhos foram conduzidos de forma a que a nomeação recaisse no sr. Jaime Vilares, *persona grata*, gratissima mesmo, do referido sr. José Domingues.

E' certo que para tal resultado concorreu, *desinteressada e espontaneamente*, o sr. dr. André dos Reis, desistindo de assumir, no atual momento, a chefia do distrito, permanente aspiração de ha muitos anos alimentada, desistencia que permitiu ao sr. José Domingues trazer pela mão, até ao respectivo gabinete, o seu amigo Vilares e, com tal pressa, com tal urgencia, que num proprio dia feriado, com a repartição fechada, a nova autoridade foi investida das suas altas funções!

Depois veio aquela *imponente e espontanea* manifestação noturna a que no numero passado aludimos. E o sr. José Domingues fala, e o sr. José Domingues salienta durante a sua *formosissima* oração, que, como qualquer *Taresa de Jasus*—uma sua creada—estava *ás ordens deste povo, de quem será devotado procurador, sem recompensa de qualquer especie!...*

Por sua vez os srs. dr. André dos Reis e Barata, já se haviam congratulado com os ouvintes *porque tinham agora pessoa bastante para se interessar e defender os melhoramentos e aspirações desta terra com todo o decidido empenho!*

A' vista do exposto, duvida alguma deve restar de que se trata de encaminhar as coisas de modo a que o sr. José Domingues fique a capitanear o grupo democratico atendendo a que o sr. Barbosa de Magalhães *cheira a defunto!*

Pelo menos é o que alguns amigos deste propalam ao mesmo tempo que se ouvem prégar as virtudes do novo elixir...

O MUSEU

A partir do dia 1 de novembro o Museu encontrar-se-á aberto ao publico todos os dias das 10 ás 16 horas, excepto ás segundas-feiras.

As entradas custarão 20 centavos, menos ás quintas-feiras em que serão gratuitas.

UM QUADRO TRISTE

Não foi em vão que apelámos para a caridade dos nossos leitores a favor da infeliz Maria Fartura e dos seus pobres filhos, sendo a prova disso a carta que passâmos a inserir:

Meu caro amigo:

Junto encontrará 5 escudos para ocorrer á necessidade daquela que só por uma anomalia do Destino se chama Maria Fartura. Nas considerações com que acompanha a divisão de socorros pelo cofre de beneficencia do governo civil, não diz tudo. Apezar da importancia elevada que lá existe, avolumada com os saldos que de um ano para os outros passam, visto que é preciso uma intensa campanha para se conseguir meia duzia de centávos a favor de qualquer infeliz que esteja nos casos de ser protegido, o manifesto proposito de a não distribuir é tão flagrante que dá em resultado a devolução de milhares de escudos para o tesouro, como consequencia de não serem aplicados. Por falta de miseria? Infelizmente não, mas por miseria dum homem!

Entendo, pois, que, apelando o Arnaldo para a caridade dos seus leitores, lhe cabe tambem o dever de exigir do governo civil o que não é favor, mas apenas o cumprimento da lei.

O que ha muito a este respeito se está praticando com o dinheiro da beneficencia é merecedor da mais acre, da mais severa censura.

Pela minha parte protesto e protestarei em nome dos desprotegidos da sorte.

30/10/922.

Um velho amigo
do Democrata.

Além da qnantia acima temos mais 2$50 entregue por *Um assiduo leitor*, sabendo nós que outros donativos chegaram esta semana á misera habitação da desventurada demente, no Largo da Fonte Nova.

E as autoridades, que fazem ou tencionam fazer as autoridades?

Desastre e morte

Quando no preterito sabado de tarde procedia á montagem duma correia com o tambor que a mandava em movimento, foi por ela envolvido o operario João Dias, de 36 anos, casado, que nesse desastre encontrou morte instantanea.

O infausto acontecimento deu-se na Fabrica de Serração e Moagem, sita na Estrada da Barra e pertencente á Empresa Comercio e Industria cuja gerencia está a cargo do nosso amigo sr. Julio Rafeiro, que fomos encontrar profundamente magoado logo após a triste ocorrencia.

O morto era uma excelente creatura, trabalhador incansavel e chefe de familia exemplar motivo por que o seu permaturo desaparecimento da vida a todos impressionou vivamente.

Correspondencias

Costa do Valado, 2

Foram adquiridos para a nossa capela do *milagroso* S. Tomé dois sinos, um orgão e uma tribuna, que vão ser pagos por subscrição publica, contando a comissão tambem com o auxilio dos que no estrangeiro trabalham e auferem lucros e, que decerto não deixam de se interessar pelas coisas da sua terra.

Os sinos já ontem ficaram colocados, repicando festivamente tendo-se tambem queimado, bastante fogo no dia da chegáda á estação dos artigos acima mencionados.

— Apezar da chuva, ao cemiterio da Oliveirinha foram hoje bastantes fieis ornamentar as campas dos entes queridos e sobre elas espargir as saudades que a sua eterna ausência provoca ao serem lembrados como neste dia consagrado pela igreja á comemoração dos mortos.

— Devido á molestia que tem atacado os porcos, começou ja a matança dos cevados cujos preços atingem quasi o inconcebivel.

C.